

INSPIRADOS PELO TEMA DESTA EDIÇÃO, FOMOS AO ENCONTRO DE DONALDO E SUA OBRA *ABISMADOS EM AMOR*. COMO UMA BOA COSTURA, OS PENSAMENTOS E ENSINAMENTOS DE DONALDO NOS LEVAM A REVER PONTOS, FAZER NOVAS VIAS DE REFLEXÃO, MANTENDO O POTENCIAL INTERROGATIVO, QUE AQUI COMPARTILHAMOS.

ENTREVISTA COM DONALDO SCHÜLER^{1, 2}

AN INTERVIEW WITH DONALDO SCHÜLER

REAL É O AMOR

– HÁ ALGUMA NOVIDADE SOBRE O AMOR?

DONALDO – De fato, temos novidades todos os dias. O processo é dinâmico. Se nos conformamos com padrões de outras gerações, não entendemos o que acontece agora. Alarmados chegam a apontar a degenerescência do amor. Tomemos Zygmunt Bauman. Na obra *Amor líquido*, ele diz que em outra época – na infância dele e períodos anteriores – o amor era bem mais sólido que hoje. Na época de Bauman, não havia no Brasil a dissolução do casamento. As pessoas eram obrigadas a viver juntas a vida toda. Com felicidade ou sem felicidade, com sofrimento ou sem sofrimento, com amor ou sem amor, viviam juntas. Casais que se separavam tinham dificuldade em se enquadrar na sociedade. Prolongavam as dores de uma união rompida. A constituição de nova relação era complicada. Bauman é sociólogo. A solidez das relações numa sociedade fixa significa que as pessoas se amavam? Somos uma sociedade bem mais livre, a responsabilidade dos que amam é maior. Com a liberdade cresce a responsabilidade. Há pessoas que passam pela primeira, pela segunda experiência, a segunda experiência costuma ser mais sólida que a primeira, há pessoas que vivem contentes em uma terceira união por muitos anos.

Antes de tudo, convém observar o que está acontecendo. Além disso, o que significa liquidez? O amor é líquido desde o princípio; Afrodite, deusa do amor, é uma divindade das águas. Poderíamos dizer que, sem liquidez, não existe amor. Liquidez é liberdade. A união não se impõe por documento, não se impõe por convenção social, necessitamos de liquidez, de liberdade para amar. Podemos estar com uma pessoa a vida inteira sem amá-la, obrigação de continuidade não é critério para compreender o que significa amar.

Quando escrevi o livro *Abismados em amor* (2013), conversei com jovens para saber o que pensavam sobre o amor. Na minha juventude, havia três categorias. A gente era amigo, e do círculo de amigos destacava-se alguém. Namorados tornavam-se noivos, o noivado era uma instituição, noivos assumiam o compromisso de casar. Essas categorias desapareceram. Hoje, o conceito de namorado cobre três estágios do passado. Desde que exista alguma estabilidade, entra-se na situação de namorado. E antes de ser namorado? Aparece

¹Doutor em Letras.
Professor em língua e literatura grega. Autor de *Narciso Errante*, *Origens do Discurso Democrático*, *Abismados em Amor*, e mais tantos outros. Patrono da 50a Feira do Livro de Porto Alegre.
E-mail: donaldoschuler@yahoo.com

²Entrevista realizada em colaboração com Clarice Moreira da Silva, Felipe Canterji Gerchman e Lísia da Luz Refosco.

“ficar”, noção imprecisa. Pode-se ficar por uma hora, por uma noite, por uma semana, não muito mais que isso. A partir daí, entra-se em outra categoria. Ficar pode ser uma conversa, pode ser um beijo, pode ser um abraço, pode ser uma relação mais íntima, mas de curta duração. Surgiu o “ficante”. Uma garota tem um ficante, isso já estabelece uma relação menos passageira. Namorado, é outra coisa. Algumas mulheres dizem que têm um “namorado”, namorado lembra o antigo marido sem a fixidez de outrora, namorado funde namorado e marido. O marido, em outros tempos, era posição sólida, definida, o namorado pode sumir sem grandes conflitos. Recentemente – recentemente para mim – surgiu o “rolo”. Qual a diferença entre ficante, namorado e rolo? Rolo é uma aventura que não tem consequências. Quando se usa o termo amor, convém estar atento ao que se passa. Uma das minhas preocupações ao escrever *Abismados em amor*, foi precisar o sentido da nomenclatura em uso. Se amar muda de sentido, isso não significa que o amor tenha desaparecido, amor líquido não é ausência de amor.

Quando se fala em amor, é preciso saber quando e onde, o sentido navega ao longo dos séculos, mudou da Grécia para a Idade Média, mudou da Idade Média para o período clássico, migrou para aquilo que se chama “amor romântico”, aparecido na Idade Média. Não se conhece amor romântico na Grécia antiga.

– ENTÃO, O AMOR SEMPRE SERÁ LÍQUIDO E, AINDA, LIVRE?

DONALDO – Designamos com o mesmo termo procedimentos diversos. Existe o amor provocado pelo desejo e o amor que é dádiva. Preciso de alguém, procuro uma pessoa para viver comigo, impelido pelo desejo: quero uma mulher que cuide de mim, que me faça bolinho, que esteja em casa quando venho da rua... Isso é amor? É desejo. O desejo sem expectativa de reciprocidade sufoca, transforma a pessoa amada em objeto. Há os loucos de amor. Louco de amor foi Tristão. Wagner acolheu os amores de Tristão e Isolda numa ópera. Onde termina a normalidade, onde começa a loucura? Louco não tem escolha, age como impulsionado pelo destino. O sinal de trânsito me diz quando posso atravessar a rua. O sinal vermelho proíbe. Sinto-me livre quando posso infringir. A liberdade se declara diante da proibição. O louco não conhece proibição. Louco de amor foi Tristão, comportou-se como escravo do amor, agia sujeito a um destino que se tinha instalado nele. Na tragédia grega, a ação do herói é determinada por forças que agem fora dele. A Idade Média internalizou o destino.

O amor dádiva, desenvolvido na Idade Média, tem origem bíblica, brilhou na criação do mundo. Se amparo uma pessoa na rua, um mendigo, por exemplo, não espero que um dia o mendigo vá retribuir; sendo dádiva o que ofereço, é ato de amor. Isso, quando não humilha! O amor-desejo e o amor-dádiva podem misturar-se. misturaram-se em Dante, na *Divina comédia*. Impulsionado pelo desejo, o poeta procurou Beatriz, elevada à pureza da Luz divina. Lá do alto, a amada inalcançável conduziu o desorientado nos duros caminhos de vida. Existe dádiva pura? A pureza é sobre-humana.

– O QUE LHE EVOCA O TEMA “AMOR: ESTADOS DE TE(N)SÃO EM PSICANÁLISE”?

DONALDO – Vejo isso em *Animal agonizante*, de Philip Roth, romance aparecido em 2000, ano marcante, abre o novo milênio. David, personagem central, é professor de arte; sem ser brilhante, é popular. Casado há vinte anos, tem um filho. Um belo dia, diz para a mulher que sonha com outra vida e sai de casa. Inventava festas, convidava mulheres, escolhe uma delas, vive com ela por uma, duas, três semanas, não mais do que isso. Elege vida literalmente canina, no conceito dele, sexo não contaminado por afeto nenhum, é assim que David imagina o sexo animal, sem contaminação sentimental, puro. A nova existência de David transcorre animal, até o dia em que entra Consuela na vida dele, uma garota de 18 anos. David resiste aos encantos da jovem de todas as maneiras possíveis, mas não consegue. Cai diante de Consuela, sente-se diminuído, ferido. *To fall in love* é isso, cair, abismar-se em amor. Foi-se a sonhada pureza animal.

No momento em que alguém se apaixonou, idealiza a pessoa amada, resultado: vertigem, queda, abismo. O amor precipita na condição humana, desestabiliza, despedaça. Sentimentos em turbilhão sacrificam a serenidade, o amor diminui outros centros de interesse.

– FREUD, NO TEXTO *MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO*, CITA QUE “NUNCA ESTAMOS MAIS DESPROTEGIDOS ANTE O SOFRIMENTO QUE QUANDO AMAMOS, NUNCA MAIS DESAMPARADAMENTE INFELIZES QUE QUANDO PERDEMOS O OBJETO AMADO OU SEU AMOR” (P. 39). É POSSÍVEL FAZER UMA ARTICULAÇÃO DESSA IDEIA FREUDIANA COM ESSA QUEDA QUE HÁ QUANDO AMAMOS, QUE O SENHOR SE REFERE?

DONALDO – Claro, é exatamente isso. Você perde a base. No momento em que alguém se apaixonou, some a segurança. O enamorado perde controle da situação, das emoções. Sentimento de bem-aventurança e de infelicidade se misturam, o enamorado escorrega. Como saborear a felicidade sem provar a amargura? Se eu nunca tivesse sido infeliz, não saberia o que é felicidade. Quem sempre viveu no paraíso não tem consciência da felicidade. Não existe felicidade pura nem infelicidade pura. A paz da morte seduz, o amor erotiza a morte. Vida e morte se aproximam no amor. O mal-estar na civilização, na cultura, na vida, provoca movimento. O contrário, o bem-estar convida a permanecer onde a gente está. Em *Animal agonizante*, vida e morte se aninham no mesmo corpo. Consuela, ao saber que o câncer lhe feriu o seio, procura David, desnuda-se diante dele antes de ser operada. O mal-estar provoca apelos de vida.

– A QUEDA ESTÁ RELACIONADA COM A IDEALIZAÇÃO. SE DESIDEALIZA, DEIXA DE AMAR?

DONALDO – A idealização não pode desaparecer. O que é a idealização? Ideias, ideais formam-se no interior de cada um. Está em Freud, em Lacan, em Kant. A raiz é Kant: o objeto em si, eu não sei o que é. Falando kantianamente, o que é a mulher em si, eu não sei. No momento em que ela me interessa, ela entra na minha subjetividade, que só chego a conhecer na ação de amar. O

que acontece à Bela Adormecida? A Bela Adormecida é uma jovem que não teve experiência de amor. Aí aparece príncipe, o olhar encantador. Ela está diante de uma experiência completamente nova, o olhar interessado que ela nunca viu. Quando responde ao olhar, ela desperta como mulher, ela não se faz mulher por si só, ela se torna mulher diante do outro. Isso pode acontecer aos 15 anos, 20 anos, 30 anos... Aconteça quando acontecer, a mulher se constrói no jogo amoroso.

Olho e sou olhado, dá-se a troca. Há conversa na troca de olhares, olhos conversam. O olhar indiferente é letal. Uma pessoa olha para ti sem interesse nenhum, o que é isso? É um olhar que mata. Se cai um olhar desinteressado sobre ti, é o olhar da morte. É assustador, aniquilante, desumanizante.

– EM SEU LIVRO *ABISMADOS EM AMOR* ESTÁ ESCRITO: “TODA AÇÃO É LUTA CONTRA O SILÊNCIO FINAL” (P. 9), E ALGUMAS PÁGINAS ADIANTE: “O AMOR É AÇÃO EM BUSCA DE AÇÃO” (P. 14). O QUE ISTO NOS DIZ SOBRE O AMOR?

DONALDO – É a própria definição da vida. Estou vivo enquanto luto contra a morte. Quando desaparece a ação, desaparece a vida. A felicidade do psicopata é tautológica, o sujeito sabe que é Napoleão, ele não quer outra coisa, encontrou o que queria, queria ser Napoleão e tem Napoleão em si mesmo. Se eu dissesse a essa pessoa “você não é Napoleão”, seria uma infelicidade total; não ser reconhecido como Napoleão lança o megalomaniaco na infelicidade. Tem o que quer, é aí que o sujeito sucumbe. O parafrênico é agressivo. Uma paciente megalomaniaca de Lacan, Aimée, por não reconhecerem os méritos que ela supunha ter, fere a faca uma das mais famosas atrizes de Paris. Lacan observa que ela dirigiu o golpe contra si mesma. Por que viver se ninguém percebe a sumidade que ela é? Se o sujeito não me reconhece como Napoleão, eu o mato, põe em risco a minha personalidade, como é que não reconhece quem sou? O parafrênico anula a diferença entre sujeito e objeto.

Todos somos narcisistas, quando é que o narcisismo é sadio? Eu me amo, se não me amasse não poderia amar ninguém. Aí entra o paradoxo, o sofrimento, a felicidade, o prazer que tenho ao ser aceito como sou, o sofrimento que tenho quando alguém me despreza, enfim, entro no jogo das contradições. Acontece o desdobramento, eu é um outro de mim. Há momentos em que me detesto, não me suporto. Em ocasiões de não criatividade sou tão monótono que não descubro nada em mim. Pode acontecer em tempos de lazer. Isolo-me, elejo lugares solitários, não quero conversar com ninguém, corto relação com o mundo. Chega um momento que eu não me suporto mais. Preciso de alguém que me tire da monotonia, ainda que me diga desaforo. Morro interiormente quando não tenho algo que me desafie.

Não havendo ação, não existe nada. O amor excessivo mata, o ódio excessivo mata. Suicida-se quem se odeia sem reserva. Quem repreende a si mesmo ama a si mesmo. Começa a salvar-se quem procura socorro. Transfêrência é depositar confiança em alguém.

Tomemos *Gradiva*, romance de Jensen, reelaborado por Freud. Norbert, jovem alucinado, confunde com uma imagem antiga a amiga que o atrai. Ela se aproxima sabiamente dele, conversa com ele. Chega um momento em que os olhos de Norbert se abrem, ele percebe o rosto que o encanta. Ela arranca Norbert da alucinação. A garota se chama Zoé, vida. Amor é vida, cura.

– **NA MESMA OBRA, QUANDO O SENHOR TRATA SOBRE A GUERRA E QUE A CIVILIZAÇÃO PRECISA SER EROTIZADA, TEM RELAÇÃO COM ISSO? A CURA PELO AMOR?**

DONALDO – Sim, perfeito. A guerra destrutiva agride deserotizada. Poetas e escritores sabem erotizar a guerra. O primeiro poema guerreiro da história do Ocidente, *A Ilíada*, nos familiariza com uma guerra erotizada. Os gregos atacam Troia por quê? Para recuperar Helena. Quem é Helena? É a mulher mais bela da Grécia, a campanha para devolver Helena a seu esposo, Menelau, desenrola-se erotizada com avanços e recuos, discursos, conversas e reflexões. O sentido da guerra é a recuperação de Helena. Agora, não havendo Helena, a guerra troiana é de destruição, aniquilamento, conquista sem motivo que a justifique. Tomemos o avião que bombardeia sem ver gente, aperta um botão, a bomba cai. Mata quem matar. O ataque aéreo não lembra em nada o combate em que um guerreiro enfrenta outro, peito a peito, em nome de valores: a destreza, a pátria, a família. Não é desumanizante destruir adversários invisíveis? Para melhorar as relações internacionais é preciso voltar a erotizá-las: amar o outro, amar a outra cultura. Por que aniquilar se prezo, reconheço, amo? Mercado agressivo devasta economias, empobrece regiões, concentra riquezas na mão de poucos para a miséria de muitos. O imperialismo cultural perturba costumes de pequenos agrupamentos. O comportamento dos antropólogos contribui para o relacionamento fecundo de um povo com os outros.

– **É COMUM OUVIR A VIDA E A MORTE COMO OPOSTOS. EM SEU LIVRO, *ABISMADOS EM AMOR*, CITA QUE SEM A MORTE NÃO HÁ EROS.**

DONALDO – E também não há vida. É o seguinte, não se pode dizer, por exemplo, que uma pedra é morta. A pedra é hoje e será daqui a mil anos pedra. É a mesma pedra. Nada se altera. Por não ser viva, a pedra não pode morrer. Como é que aparece o sentimento da morte? Só a partir da vida me vem o conhecimento da morte. Não havendo vida, não há morte. A vida origina a morte. Como odiar a morte? A morte estabelece meus limites, circunscreve o tempo de minha vida. Se odeio a morte, odeio a vida, a minha. Só tenho consciência da morte porque me percebo vivo. Vida e morte não se opõem, complementam-se. A nomeação é o limite da linguagem. O conceito limita. Quem entra no jogo da linguagem experimenta o indizível. Contínuo é o discurso, contínua é a vida. O fim de um nome anuncia a vida de outros nomes. A fala é sem fim, infundável é a análise. O cinema e as artes visuais expõem e revestem a morte. A epopeia, o romance e a poesia falam da morte, vendam a morte. A morte fala nas cores, nas imagens, nas falas que a revestem. O indizível, o invisível anuncia a presença do mistério. Mistério é o que palavras e gestos não alcançam. O visível não nega o invisível, o visível e o invisível são maneiras de a vida ser.

Lembremos Sísifo, mito antigo recentemente reinterpretado por um escritor, Camus, interessado em compreender o cotidiano. A tarefa de Sísifo era rolar uma pedra contra a inclinação do solo. Quando o infeliz se aproximava do topo, a pedra vencida a força dos braços, rolava ao sopé e a tarefa recomeçava. Há ocasiões em que somos atormentados por forças que superam a energia. Quando isso acontece, o sofredor espera amparo. Todos somos limitados. A insuficiência de cada um constrói a solidariedade. Vínculos de amor fortalecem.

– **O QUE É DE MAIS VERDADEIRO, É INDIZÍVEL?**

DONALDO – Acompanhemos Lacan na diferença entre real e realidade. Realidade é o que se mostra, o que nos cerca, o que conseguimos compreender e nomear. Vivemos na realidade, somos realidade. Real é o indizível, o silêncio. O ilimitado é real. Real é a reserva infinita, o silêncio, origem de todas as palavras. Repetição literal não existe. Como toda situação é nova, convocamos novos recursos para responder a demandas imprevistas. Como as reservas são ilimitadas, limite algum trava nossas invenções. A verdade indizível demanda nossodizer fragmentado. Mais bem-sucedidos somos quando correspondemos à comunidade dos falantes. A convergência do fazer dos que trabalham robustece realizações. Realizar é provocar a passagem do real à realidade. Laços de amor unem os que realizam.

Real é o amor, realidade é a florescência amorosa, de Homero a Philip Roth; real é o amor, realidade são as cartas, os gestos, as palavras de amor. Sendo real, como poderia desaparecer o amor? Sólida e líquida é a realidade do amor. O amor move céus e terra, já o sabia Dante Alighieri, o amor brilha nos raios do sol, no sorriso dos bebês, na efervescência do desejo.